

ENTREVISTA COM VASCO LOURENÇO

O REFERENCIAL



FOTO: JOSÉ MARIA ROUMIER

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL
Director: Pedro Pezarat Correia | Nº 114 | Julho - Setembro 2014



JÚLIO POMAR
Gostava que o Burro
desse uma valente
parelha de coices...



CARTAZ COMEMORATIVO DOS VINTE ANOS DO 25 DE ABRIL DA AUTORIA DE JÚLIO POMAR



FOTO: JOSÉ MARIA ROLMIER



JÚLIO POMAR

O Burro é uma piscadela de olhos

JOSÉ ANTÓNIO SANTOS

AOS 88 ANOS DE IDADE, Júlio Pomar continua a pintar, e, assim, a prosseguir uma carreira intensa, de sete décadas, votada à criação e às artes plásticas.

O ARTISTA recebeu-nos em sua casa no Bairro Alto, em Lisboa, onde faz tempo deixou de trabalhar à noite. Prefere, agora, repartir as horas do dia entre a preguiça, qual alfofre de maturação criativa, e as pinceladas nas telas de três obras distintas que está a realizar, ao mesmo tempo, saltando de uma para outra, ao sabor da inspiração.

A conversa fora aprazada com o pedido para o Mestre explicar, na primeira pessoa, as metáforas da Serigrafia e do Cartaz saudosos do 40.º aniversário do 25 de Abril saídos do génio criativo de Júlio Pomar, e por si, generosamente, oferecidos à Associação 25 de Abril.

Sem revelar a mínima surpresa, entre uma sonora gargalhada, começou por dizer: “Ainda me vão bater com esta confissão”.

Sim. Mas o que quis dizer com a figura do burro? “É um burro. E é um burro que toca guitarra portuguesa. Aqui está uma espécie de alusão ao fado.” Onde estão retratados os portugueses?

“O burro é uma piscadela de olhos, é muito simples.” A piscadela de olhos compõe um modo de comunicação facial, não-verbal, e está geralmente associada a uma mensagem cúmplice, por vezes matreira.

Júlio Pomar serviu-se da metáfora para provocar os portugueses com um recado ao desassossego e também com o propósito de desafiar os seus concidadãos a não se conformarem com a situação em que o País se encontra, sob o (des)Governo de Passos Coelho que insiste em conduzi-lo na rota da pobreza, de destruição de direitos e valores fundamentais, onde subjaz a ideologia de uma “economia que mata” a pessoa humana.

Num quadro desta natureza, Júlio Pomar não hesita no modo de provocar.

“Em linguagem popular, o quadro quer dizer: burro somos todos e estamos a ser levados”.

A carga do asno, de facto, tem sido muita. Até quando o povo continuará a poder suportar tal fardo? O autor remete para a sinalética do quadro expressa simbolicamente no número 25 em tama-

nhos decrescentes, ou seja, dando a ideia de uma acentuação contínua de destruição dos valores de Abril, um trajecto que se antevê muito perigoso. Daí, a provocação feita em forma de convite aos portugueses a recusarem ser tomados por burros. Júlio Pomar considera haver limites para tudo e, evidentemente, para os sacrifícios dos portugueses. Podemos então deixar de ser burros?

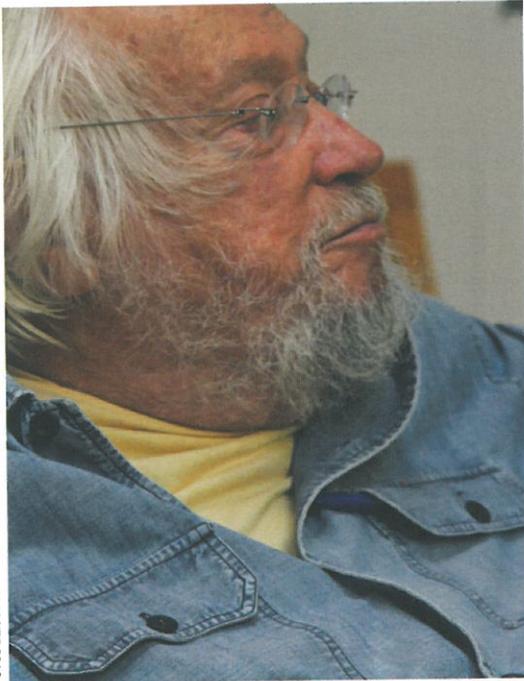
“Pois com certeza. O burro também sabe dar um par de coices. Gostava muito que ele desse uma valente parrelha de coices. Por mim, cá estou pronto para dar uma ajudinha.”

ESPAÇO ILUMINADO

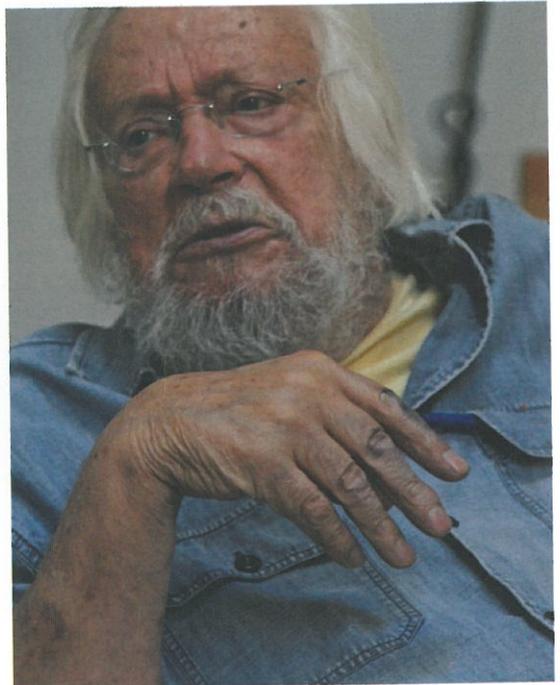
A conversa decorreu na zona de trabalho de Júlio Pomar, o segundo (último) piso do número seis da Rua do Vale, perpendicular à igreja das Mercês, em Lisboa. O atelier ocupa toda a superfície coberta da mansão recentemente recuperada e dotada de generosas entradas de luz natural através de clarabóias rasgadas na cobertura. Dir-se-ia, tratar-se de um espaço verdadeiramente iluminado bem capaz de recolher o génio da ilustração artística de Júlio Pomar. O resultado, aliás, está visível nas dezenas de quadros e telas suspensos em cavaletes dispostos no espaço amplo, e, também em muitos outros alinhados pelas paredes.

A casa de habitação e de trabalho do artista convive com o Atelier-Museu Júlio Pomar sedeados no edifício em frente, o número 7. Foi ali que a Câmara de Lisboa instalou o núcleo museológico inaugurado em Abril de 2013, e desde essa altura integrado na rede dos museus e equipamentos culturais do município. Este núcleo resulta de uma conjugação de vontades que levaram à constituição da Fundação Júlio Pomar, em Dezembro de 2004, na sequência de um projecto iniciado pela Câmara Municipal de Lisboa com a aquisição, no ano 2000, de um antigo armazém do século XVII sendo este prédio destinado a servir como seu atelier, e prevendo-se desde

»



FOTOS DE JOSÉ MARIA ROUMIER



logo a futura “constituição de um Atelier-Museu, onde ficarão depositadas as obras que constituem o acervo pessoal do pintor.” João Soares iniciou o desígnio da criação do atelier-museu e confiou o projecto ao arquitecto Siza Vieira. Nos termos de

um protocolo estabelecido com a Câmara de Lisboa, o Atelier-Museu desenvolve as suas actividades em colaboração com a Fundação Júlio Pomar, que aí instalou os seus arquivos e as obras do acervo doado pelo pintor. O Atelier-Museu possui

VIDA E OBRA

JÚLIO POMAR* nasceu em Lisboa, a 10 de Janeiro de 1926. Instalou-se em Paris em 1963. Actualmente vive e trabalha em Paris e Lisboa. Frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arroio e as Escolas de Belas-Artes de Lisboa (1942-44) e do Porto (1944-46), a qual abandonou depois de uma suspensão disciplinar por actividades estudantis. Fez parte, a partir de 1946, da Comissão Central do

Movimento de Unidade Democrática Juvenil (MUD), actividade pela qual foi detido no ano seguinte e condenado em tribunal. Em 1949, por ocasião da participação na candidatura presidencial de Norton de Matos, de quem desenhou um retrato muito divulgado, foi afastado do lugar de professor de desenho no ensino técnico. Expôs pela primeira vez em 1942, em Lisboa, numa mostra de

grupo no seu atelier, e realizou a primeira exposição individual em 1947, no Porto, na Galeria Portugália, apresentando desenhos que seriam no ano seguinte editados num álbum prefaciado por Mário Dionísio. No início da sua carreira, foi um dos animadores do movimento neo-realista, desenvolvendo uma larga intervenção crítica em jornais e revistas: “A Tarde”

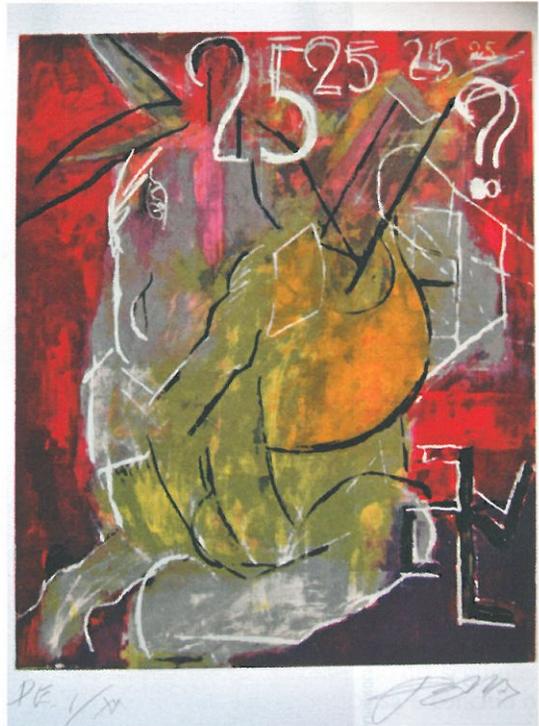
um acervo de cerca de quatrocentas obras, doadas pelo artista à Fundação Júlio Pomar, com pintura, escultura, desenho, gravura, cerâmica, colagens e assemblage. Dispõe, ainda, de um conjunto de equipamentos de auditório, com meios audiovisuais e capacidade para sessenta lugares sentados, permitindo a realização de conferências, lançamento de livros, catálogos e outros eventos.

PROCESSO CRIATIVO

É entre estes espaços que Júlio Pomar, aos 88 anos, continua a surpreender-nos com irreverência e suprema liberdade e a revelar em construções plásticas (re)construções surpreendentes que o seu génio nos oferece.

Quando o convido a falar do seu processo criativo, antes de responder, faz uma pausa, sorri e diz simplesmente: "Ponho a ideia na caixa do correio e a carta chega normalmente". Assim, sem mais.

Depois, entrega-se a desfiar uma torrente de memórias. "A minha ligação com o burro não é nova. Anda comigo há muito tempo. A guitarra é mais recente, só a partir de uma certa altura." Júlio Pomar pinta desde criança. A aventura co-



»

(diário publicado no Porto, onde coordenou a página semanal "Arte", em 1945), "Mundo Literário", "Vértice", "Seara Nova", "Horizonte", "Portucale", "Comércio do Porto", etc. Participou na organização das exposições independentes, em 1944-45, no Porto, e depois na da Exposição da Primavera (Porto, Ateneu Comercial, 1946), sendo um dos principais organizadores

das Exposições Gerais de Artes Plásticas (Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1946/1956). Em 1956, foi um dos fundadores e primeiros membros da direcção da Cooperativa "Gravura". Após esse período de afirmação inicial, com um marcado cunho de intervenção política no contexto do pós-guerra, a pintura de Pomar orientou-se no sentido de uma observação do real que

interroga a aparição da imagem, definindo os corpos em movimento numa figuração descontínua e fragmentária, a qual teve a sua mais conhecida expressão nas séries "Tauromaquias" (1960-64) e "Les Courses", corridas de cavalos (1964-66), expostas em Paris na Galerie Lacloche. Organizando-se em ciclos temáticos a que correspondem rupturas ou novas linguagens formais, a obra de Pomar prosseguiu

»

VIDA E OBRA

com os ciclos "Rugby", "Maio 68" e "Le Bain Turc, d'après Ingres" (1967-73), tendo o Museu do Louvre exibido um quadro desta série no âmbito de uma exposição dedicada ao quadro de Ingres (1971).

A um período em que predominam os retratos (1972-76 – primeiro expostos na Galeria 111, Lisboa, em 1973), onde as formas sintéticas e emblemáticas se definem em planos de cores lisas, sucede a opção por processos de colagem

de telas recortadas e previamente pintadas, por vezes também com a incorporação de objectos encontrados, a que correspondem os temas eróticos das exposições "L'Espace d'Eros" (Galerie de la Différence, Bruxelas, 1978) e "Théâtre du Corps" (Galerie Bellechasse, Paris, 1979). Entre os mais significativos ciclos posteriores, onde já é patente o regresso a uma vibrante gestualidade pictórica, podem

destacar-se "Os Tigres" (Paris, 1981; Lisboa, 1982) e novas séries de retratos a propósito do poema "O Corvo", de Edgar Poe, e de "Mensagem", de Fernando Pessoa (1982-86). Destocações ao Brasil estão na origem das exposições "Os Mascarados de Pirenópolis" (1988, Lisboa e Madrid) e, após uma estadia no Alto Xingú, Amazônia, "Os Índios" (Madrid e Paris, 1990). Os temas literários, incluindo por vezes a reavistagem irónica dos

FOTO: JOSÉ MARIA ROUMIER



meçou no dia em que o tio Bernardino lhe ofereceu uma caixa de aquarelas. A partir de então não mais parou de esfregar tintas em telas e noutras superfícies e delas arrancar imagens poderosas só possíveis pelo vigor do seu talento.

“Quando era miúdo”, confidencia, “deram-me um cartão de acesso ao Jardim Zoológico onde ia muitas vezes com o cavalete desenhar os bichos; outras ocasiões ia só andar de patins. Convivi muito com os bichos e, por isso, é natural que eles apareçam em todo o meu trabalho.”

Conclui, assim, que o burro já vem de longe e solta uma gargalhada de gozo. Ao longo da conversa percebe-se que Júlio Pomar conjuga o riso como gramática da inteligência onde não se esconde nem enjeita expor-se. Pratica-o como intuição genuína de quem perscruta realidades novas e sejam elas quais forem molda-as no deleite de um sorriso.

Com o registo do sorriso surge-lhe a evocação de Sidónio Muralha (1920-1982) quando, nos anos idos de 1949, o percursor do neo-realismo lhe apareceu com o original de histórias infantis “Bichos, Bichinhos e Bicharocos” para que lho ilustrasse. Nessa altura, confrontado por aquele que foi um dos mais importantes autores de literatura para a infância em Portugal, Júlio Pomar teria 23 anos.

“Era um livro onde vem a história dos bichos e

mos revelou enquanto personagens e actores de que eu me sirvo.”

Júlio Pomar reconhece como uma evidência da vida a circunstância de o seu imaginário permanecer povoado de bicharada. Aproveito uma pausa e insisto: então, quando chega o carteiro?

“Boa pergunta, quando chega o carteiro? Isso nunca se sabe, nunca se sabe quando chega o carteiro...”

E deixa-se refestelar pelo cadeirão, presentindo em mim a insatisfação pela sua resposta.

Volto à carga: nesse período, enquanto não chega o carteiro, anda preocupado?

“Não senhor. Sempre sereno. A vida já tem angústias que cheguem. Mas, o processo criativo é sempre uma batalha. Aquela ideia de faz-me isto num instantinho... Eu nunca sei o tempo que demoro!”

Aguarda, então, que o carteiro o surpreenda? “A ideia trabalha-se mesmo sabendo que não temos controlo nenhum. Um desportista sabe quanto fez aos 100 metros. Nós não! Quantas vezes me deito a pensar que fiz uma coisa boa e, no dia seguinte, dou de caras com essa mesma coisa e concluo o contrário.”

Tem receio da tela vazia, como se comporta o artista nesses momentos?

“Não tenho medo da tela branca. Faço e destruo. E,

»

mitos clássicos e bíblicos, são retomados nas obras mostradas nas exposições “Fables et Portraits” (Galerie Piltzer, Paris, 1994) e “O Paraíso e Outras Histórias” (Culturgest, Lisboa, 1994), “La Chasse au Snark”, em telas de muito grande formato, a propósito de Lewis Carroll (Galerie Piltzer, Paris, e Salander-O’Reilly Gallery, Nova Iorque, 1999-2000) e “Trois Travaux d’Hercule et quelques chansons réalistes”

(Galerie Patrice Trigano, Paris, 2002), enquanto a relação com a Amazónia reaparece em “Les Joies de Vivre” (Galerie Piltzer, Paris, 1997) e “Mériidiennes – Mères Indiennes” (Galerie Patrice Trigano, Paris, 2004). “Fables et Fictions”, novas esculturas em bronze, foram mostradas na Galerie Le Violon Bleu, na Tunísia, em 2004.

A primeira retrospectiva da obra de Pomar foi organizada em 1978 pela Fundação Gulbenkian e

exibida na sua sede em Lisboa, no Museu Soares dos Reis no Porto e, parcialmente, em Bruxelas. Em 1986, uma nova exposição antológica foi apresentada também pela Fundação Gulbenkian em museus de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, e por fim no Centro de Arte Moderna, em Lisboa.

Entre outras antologias de âmbito temático ou cronológico, salientam-se as seguintes: em 1990,

»

obras de temas brasileiros, no Rio de Janeiro, em São Paulo e Lisboa ("Pomar/Brasil"); em 1991, pinturas e desenhos sobre temas literários e retratos de escritores («Pomar et la Littérature»), Charleroi, Bélgica; em 1992-93, trabalhos dos anos 1980, itinerante em Portugal; em 1997, obras sobre o tema de D. Quixote, em Cascais, e pinturas sobre os Índios do Brasil, em Biarritz, França; em 1998, com posterior itinerância

nacional, obra gráfica; em 2005, ilustrações e obras de temas literários, em Tavira. Outras mostras antológicas de pintura tiveram lugar em 1999-2000, em Macau e Pequim; 2001, em Aveiro ("Pinturas Recentes", de 1995-2000); 2003, em Istambul e em Amarante. Em 2004, o Sintra Museu de Arte Moderna – Coleção Berardo apresentou uma vasta retrospectiva intitulada "Pomar/

Autobiografia", comissariada por Marcelin Pleynet, enquanto o Centro Cultural de Belém expôs a antologia "A Comédia Humana", organizada por Hellmut Wohl a propósito da obra das décadas mais recentes. Pomar tem-se dedicado especialmente à pintura, mas realizou igualmente trabalhos de desenho, gravura, escultura e «assemblage», ilustração, cerâmica

EXPOSIÇÃO NO MILLENNIUM

A Fundação Millennium BCP decidiu homenagear Metre Júlio Pomar através da exposição de um conjunto de obras do pintor, na Galeria Millennium, na Rua Augusta, em Lisboa.

A iniciativa apresenta 39 obras entre quadros, desenhos, tapeçarias e documentos do artista com uma carreira muito preenchida de 70 anos. Ver "Vida e Obra" nestas páginas. Do acervo da mostra constam 22 criações propriedade da Fundação Millennium, sendo as restantes cedidas pelo Atelier-Museu Júlio Pomar. A mostra está patente até Janeiro de 2015.

sabe uma coisa, isto não está a ir mais depressa do que ia antes..."

Regresso ao quadro da serigrafia dos 40 anos de Abril e pergunto ao Mestre quanto tempo demorou a realizá-lo.

"Sem ser de manhã à noite, nem em dias consecutivos, à volta de um mês."

Enquanto trabalha gosta de saltar de uma tela para outras. Nunca produz apenas um trabalho, mas gosta de se entregar à realização simultânea de várias obras. A alternância das telas estimula-o.

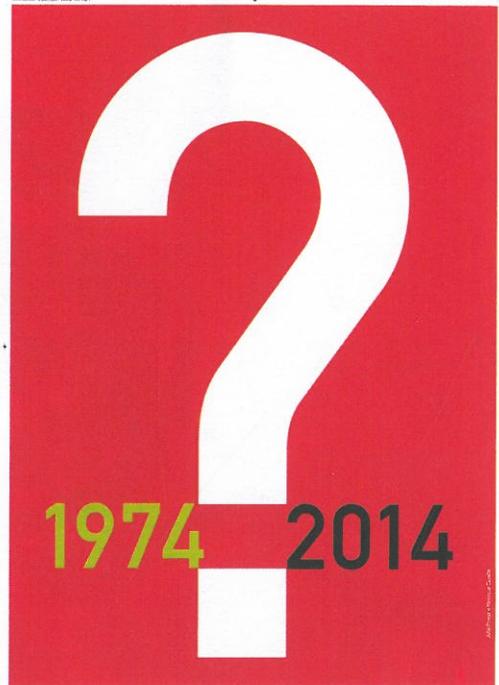
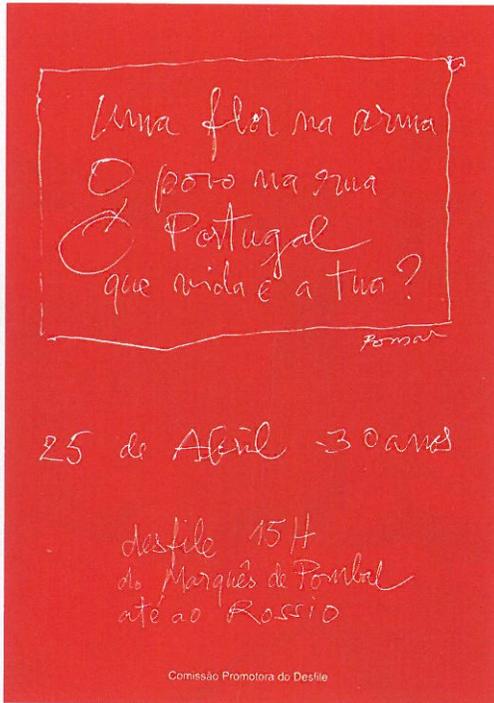
Arrisco outra pergunta: produz na intimidade, mostra o trabalho a amigos?

"Normalmente não tenho vergonha do que estou a fazer, nem medo do mau-olhado. Se chegar um amigo e espreitar, não incomoda."

Falámos de memórias e do quadro do Burro. Tempo, ainda, para discorrer sobre a memória descritiva do cartaz comemorativo do 40.º aniversário do 25 de Abril, produzido conjuntamente com Henrique Cayatte.

Peço, então, ao Mestre que explique o ponto de interrogação.

"Na fase em que estamos é como o Ovo de Colombo. É uma pergunta, uma provocação que interroga e pede uma resposta rápida." »



e vidro, tapeçaria, cenografia para teatro e decoração mural em azulejo. De entre as encomendas para edifícios públicos, para além dos frescos pintados no Cinema Batalha (Porto 1946-7), ocultados por ordem policial, destacam-se os trabalhos em azulejo para as estações de Alto dos Moinhos (1983-84), Jardim Botânico, em Bruxelas (1992), e Corroios (1998), e também para o Gran'Circo Lar (Brasília, 1987) e a sala de audiência do Tribunal

da Moita (com o arquitecto Raul Hestnes Ferreira, 1993), bem como as tapeçarias executadas para as sedes do Montepio Geral e da Caixa Geral de Depósitos.

Entre as numerosas obras que ilustrou contam-se "Guerra e Paz" de Tolstoi (1956-58); "O Romance de Camilo, de Aquilino Ribeiro (1957); "D. Quixote", de Cervantes (em 1960 e de novo em 2005); "A Divina Comédia", de Dante (1961, desenhos reeditados em 2006 com novos

retratos do autor); "Emigrantes" e "A Selva", de Ferreira de Castro (1966 e 1973); "Pantagruel", de Rabelais (1967); "Kidama Vivila", de Gilbert Lely (1977); "Rose et Bleu", de Jorge Luís Borges (1978); "Mensagem", de Fernando Pessoa" (1985); "La Chasse au Snark", de Lewis Carroll (1999). Júlio Pomar integrou a representação portuguesa na Bienal de São Paulo de 1953, participou na Exposição Internacional de Pittsburgh, do

»



FOTO: JOSÉ MARIA ROUNIER

VIDA E OBRA

Carnegie Institut, em 1964, e de novo nas Bienais de São Paulo de 1975 e 1985. A Fundação Calouste Gulbenkian, de que foi bolseiro entre 1964 e 1966, em Paris, atribuiu-lhe o Prémio de Gravura (ex-aequo) na sua I Exposição de Artes Plásticas, em 1957, e o 1º Prémio de Pintura (ex-aequo) na II Exposição de Artes Plásticas, em 1961. A Fundação FVG, de Hamburgo, concedeu-lhe o Prémio Montaigne em 1993. Recebeu o Prémio AICA-SEC em 1995, o

Prémio Celpa / Vieira da Silva, em 2000, e, em 2003, o Prémio Amadeo de Souza-Cardoso. Das várias publicações monográficas sobre a sua obra podem salientar-se os textos de Mário Dionísio (ed. dos autores, 1948; Clássica Editora, 1985; Publicações Europa América, 1990); Ernesto de Sousa (ed. Artis, 1960); Helena Vaz da Silva (ed. António Ramos, 1980); Jean Guichard-Meili e Wolfgang Sauré (Paris, 1981); Claude-Michel Cluny

(Paris, 1985 e 1994); Fernando Gil (Imprensa Nacional, 1987); Michel Waldberg (Paris, 1989 e 1990); Marcel Paquet (Paris, 1991); Alain Gheerbrandt (Paris, 1997); Marcelin Pleynet (Paris, 1997, 1999 e 2004); António Lobo Antunes (Galeria 111/Pub. D. Quixote, 2002); Mário Cláudio (Caminho, 2007). Escreveram igualmente sobre o seu trabalho, entre outros autores, Rui Mário Gonçalves, Fernando Pernes, Fernando de Azevedo, José Luís Porfírio, José-Augusto

França, Manuel Castro Caldas, João Pinharanda, Alexandre Melo, José Cardoso Pires, Vasco Graça Moura, Eduardo Lourenço, Nuno Júdice, Antonio Tabucchi, Paulo Herkenhoff, Denys Chevalier, Roger Munier, Patrick Waldberg, Pierre Cabanne, Gérard-Georges Lemaire. Os dois primeiros volumes do catálogo «raisonné» da obra de pintura e escultura foram publicados, pelas Éditions de la Différence, em Paris, com ensaios críticos de Alexandre Pomar e Marcelin Pleynet

(volume I, 2004, em co-edição com Arte Mágica, Lisboa) e de Raquel Henriques da Silva e Michel Waldberg (volume II, 2001). Além de diversos textos publicados em revistas e catálogos, sobre outros artistas e sobre a sua própria obra, Pomar é autor dos livros de ensaios sobre pintura "Discours sur la Cécité des Peintres" (Editions de la Différence, Paris, 1985), com tradução portuguesa de Pedro Tâmen, "Da Cegueira dos Pintores" (1986, Imprensa Nacional); "– Et la

Peinture?" (La Différence, 2000) e "Então e a Pintura?" (D. Quixote, 2003). Publicou dois livros de poesia: "Alguns Eventos" (Pub. D. Quixote, 1992) e «TRATADO de Feito» (D. Quixote, 2003).

*Disponível em <http://fundacaojulio-pomar.org/julio-pomar/>

E, continua: "Quem não questiona não avança." Sobre o fundo vermelho diz não ter havido a mínima dúvida por ser um sinal da bandeira, sobretudo, porque "o vermelho é a cor mais activa, mais ligada à acção. Ora, como pretendíamos transmitir uma provocação que interroga e pede uma resposta rápida, o vermelho é a cor adequada." Olho, perscruto os quadros espalhados em redor pelo salão e questiono o Mestre sobre realizações em curso.

Aponta para umas telas dependuradas sobre a parede, em frente, onde avultam retratos do empresário Ilídio Pinho. A seguir, indica um modelo de Cristina Branco. Finalmente, um Pessoa que dialoga com Marceneiro. Os primeiros são encomendas dos retratados, o último destina-se ao Museu do Fado.

Antes de me despedir peço, ainda, ao Mestre que me fale do seu dia-a-dia.

"Há muito que deixei de trabalhar à noite. Agora só pinto durante o dia e não sou homem que se levante muito cedo..."